

Garimpeiros querem área alternativa para trabalhar

Da Reportagem

A área alternativa reivindicada pelos garimpeiros expulsos da Reserva Sararé, que será objeto de negociação com o governador Dante de Oliveira na próxima terça-feira, como o próprio garantiu aos garimpeiros, na última sexta-feira em Pontes e Lacerda, é um projeto acalentado há quase cinco anos pela Coopropol (Cooperativa dos Produtores de Ouro de Pontes e Lacerda).

Em setembro de 93, três líderes garimpeiros conseguiram junto ao DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) a permissão de lavra de 300 hectares na Fazenda Papagaio. A jazida situa-se a 3 km do Rio Sararé, num dos limites ao sul da Reserva Sararé. Mais tarde, em maio de 95, os garimpeiros fundaram a Coopropol.

Segundo o anteprojeto ambiental de março de 94 assinado pelo geólogo contratado pelos garimpeiros, Max Salustiano de Lima, que também é coordenador de recursos minerais da Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração, a área seria suficiente para abrigar 300 garimpeiros, que poderiam produzir estimados US\$ 50 mil semanais.

A simples permissão do DNPM não significa que os garimpeiros já estão autorizados a trabalhar, em teoria, qualquer brasileiro pode reivindicar uma permissão, desde que não exista pedido anteriormente protocolado no órgão. Ainda é preciso o licenciamento da Fema (Fundação Estadual de Meio Ambiente) e, o mais difícil, um acordo com os proprietários da fazenda. Já existe processo em andamento na comarca de Pontes e Lacerda. O dono da área tem direito a uma indenização. Uma perícia judicial é que indicará o valor.

A Fema chegou a emitir o licenciamento para exploração da área, mas ele venceu em junho passado. Os garimpeiros terão que renová-lo. Segundo o anteprojeto apresentado, o garimpo não utilizará mercúrio nem atingirá o Rio Sararé. Os funcionários da Funai que acompanham a questão temem que os garimpeiros utilizem a área apenas como um trampolim para retornar à reserva indígena. (RV)

Jose Luz Medeiros/DC



Os garimpeiros querem uma área alternativa para trabalhar; uma das áreas previstas é vizinha a Sararé

CRONOLOGIA DO "ENTRA-E-SAI" NA RESERVA SARARÉ

Março de 1985 - O governo federal demarca a Reserva Sararé, de 67,4 mil hectares, dos índios nhambiquaras.



Fim da década de 80 - Garimpeiros invadem a reserva em busca de ouro, principalmente no sul da área.

Dezembro de 92 - Pressionado por Ongs, o Banco Mundial condiciona a desintrusão da reserva à assinatura do Prodeagro, um megaprograma de US\$ 205 milhões. É realizada a "Operação Sararé", com a saída pacífica de 5 mil garimpeiros.

Novembro de 93 - O Ministério Público Federal pede abertura de inquérito policial para apurar roubo de madeira nobre na reserva. Vinte e três pessoas são indiciadas.

Junho de 96 - Uma nova corrida pelo ouro na reserva. Nos próximos meses, perto de 8 mil garimpeiros invadem a área, montam acampamentos, criando uma cidade de lona.

Novembro de 96 - Um grupo de madeireiros e garimpeiros espanca metade da aldeia dos nhambiquaras e toma veículos dados para cooptar os índios. Ongs passam a pressionar os governos estadual e federal.



Janeiro de 97 - É deflagrada a "Operação Sararé II". Os garimpeiros saem de forma pacífica ao final do prazo de cinco dias dado pela Polícia Federal.



Fevereiro de 97 - Os garimpeiros voltam a invadir a reserva.

159	190	364						197	6
-----	-----	-----	--	--	--	--	--	-----	---

ÁREA NHAMBIQUARA

Reserva Sararé sofre nova invasão de garimpeiros, denuncia Funai

Na semana passada foram detidos garimpeiros que atuavam na área e dragas e motores foram apreendidos

José Luiz Medeiros/DC



As sucessivas invasões da reserva dos nhambiquaras por garimpeiros e madeireiros têm dilapidado os recursos naturais da área protegida por lei

RUBÊNS VALENTE
Da Reportagem

Garimpeiros voltaram a invadir a Reserva Sararé, dos índios nhambiquaras, a 540 km de Cuiabá, próximo à cidade de Pontes e Lacerda. Funcionários da Funai encontraram na última sexta-feira 40 garimpeiros, com motores e dragas, trabalhando no garimpo "Ferrugem X", ao norte da reserva, a 15 km da aldeia indígena. Na quarta-feira, a Funai deteve quatro garimpeiros e apreendeu um caminhão e um trator no garimpo "Tio Chico", a oeste.

O administrador regional da Funai em Cuiabá, Ademir Gudrin, informou ontem que será realizada uma "mini-operação", com apoio da Polícia Federal, para retirada de garimpeiros que insistem em atuar na reserva. A Funai tem proibido que os índios participem de operações, para evitar confrontos.

A descoberta de quarta-feira acendeu uma luz vermelha na Funai, ao constatar que o retorno prometido pelos trabalhadores quando da saída na "Operação Sararé II", em janeiro, está sendo mais rápido do que se esperava.

Os garimpeiros foram localizados quando ainda não haviam iniciado o serviço no "Tio Chico". Além dos veículos, a Funai, com apoio da Polícia Militar, apreendeu 3,2 mil litros de óleo diesel e quatro motores de draga. Todos os equipamentos foram levados à aldeia nhambiquara.

Os garimpeiros foram levados pela Funai à divisão da Polícia Federal em Cáceres. Segundo o delegado Luis César Martínez, o prazo para prisão em flagrante já havia acabado, por isso dois dos garimpeiros foram indiciados e responderão ao processo em liberdade. Os outros dois foram liberados sem indiciamento porque não tinham participação direta na invasão, foram apenas recrutados pelos responsáveis pela draga.

Na sexta-feira, funcionários da Funai que faziam uma ronda na reserva depararam com o reinício da extração ilegal de ouro no garimpo "Ferrugem X". Como estavam em pequeno número, os servidores orientaram os cerca de 40 garimpeiros a deixarem a área. Segundo o administrador da Funai, os garimpeiros teriam suspenso o serviço e iniciado a saída da

reserva. "Outros pontos da área devem estar sendo ocupados por garimpeiros", avalia Gudrin.

Ainda na sexta-feira, a Funai convocou uma reunião com o coronel Benedito Souza, coordenador estadual da "Operação Sararé II" e representantes da Caiceta (Coordenadoria de Assuntos Indígenas de Mato Grosso), Ibama e DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral). Ficou decidido que na terça-feira o Ibama vai realizar uma inspeção na reserva. Amanhã, o administrador vai oficiar a Polícia Federal em Cáceres e pedir apoio para a blitz. Gudrin disse que os órgãos decidiram organizar uma pequena operação para os próximos dias.

Um dos problemas na fiscalização da reserva vem sendo as dificuldades que a Polícia Militar tem enfrentado para manter as duas barreiras, nas entradas das fazendas Papagaio e Canachuê. A verba das diárias — que deveria ser acertada junto ao Prodeagro, mas não foi — ainda não chegou, e a Funai tem bancado a alimentação dos PMs.

Nove funcionários da Funai estão na área, ocupando o posto indígena na aldeia onde vivem os 79 nhambiquaras do subgrupo kathiitauru, no posto recentemente recuperado, à margem do Rio Sararé, e o posto de vigilância na entrada da Fazenda Papagaio.

VIDE - VERSO